



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**FRANCISCO XAVIER DE VARGAS NETO**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-390

**Entrevistado:** Francisco Xavier de Vargas Neto

**Nascimento:** 18/03/1950

**Local da entrevista:** Em sua residência (Porto Alegre, Menino Deus)

**Entrevistadores:** Alexandre Alves e Bruno de Oliveira e Silva

**Data da entrevista:** 18/03/2014

**Transcrição:** Alexandre Alves

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 54 minutos e 32 segundos

**Páginas Digitadas:** 17 páginas

**Observações:** O entrevistado realizou alterações após a leitura da entrevista transcrita.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Primeiro contato com judô; lesões; período como atleta; competições nacionais; situação do judô na época; falta de apoio dos clubes; campeonato brasileiro de 1971; diferença dos atletas do eixo Rio – São Paulo em contra ponto dos do Rio Grande do Sul na década de 1970 e 1980; diferença técnica dos atletas de judô brasileiros em contra ponto com os judocas de fora do país; período no Japão e dificuldades relacionadas a esta estadia; visita a KODOKAN; competições internacionais; trajetória enquanto técnico; participação na comissão antidoping nos Jogos Olímpicos de Barcelona; doutorado na Espanha; experiência adquirida nos Jogos; contribuição para o judô do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 18 de março de 2014. Entrevista com Francisco Xavier de Vargas Neto a cargo dos pesquisadores Bruno Oliveira e Alexandre Alves para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.A – Bom dia Professor Francisco, como foi sua inserção no esporte e se já iniciou nessa modalidade? Se teve experiência em outros esportes, em outras modalidades?

F.V – Como qualquer guri eu jogava futebol, mas parece que nunca levei muito jeito para a coisa. Por volta de 10 anos de idade com as minhas travessuras, morava na Cidade Baixa<sup>1</sup> de Porto Alegre, era um bairro complicado, tinha drogas, tinha malandragem de maneira geral, residia na Rua Baronesa do Gravataí. Eu era muito brigão e um belo dia alguém comentou com o meu pai que o ideal para minorar isso era me colocar em uma prática de luta, que na luta eu iria descarregar energia e aprender que não deveria brigar, ou seja, brigar no local adequado. Meu pai procurou uma academia do Centro da cidade que era do professor Loanzi<sup>2</sup>, que foi o sujeito que trouxe esta modalidade aqui para o Rio Grande do Sul pouco conhecida na época. Mas não conseguiu me matricular pelo alto valor, era um valor bastante elevado. Eu acabei então sendo matriculado em uma academia na Av. João Pessoa, Academia Esparta do professor Justino Vianna.

A.A – Pode dizer que ano foi isso?

F.V. – 1960, com 10 anos mais ou menos. Eu pratiquei um tempo, e acabei parando, acho que eu me desentendi, eu não lembro exatamente como foi. Eu me desentendi com um sujeito, um fisiculturista, imagina um guri com essa idade achar que se desentendeu com alguém... Essa academia reunia lutas, judô, tudo meio misturado e mais para o fundo era um prédio antigo, um casarão antigo, musculação. Então a musculação tinha muita procura, o pessoal fisiculturista, os melhores fisiculturistas estavam ali. Eu acabei me afastando, voltei, tive um problema sério de joelho e parei novamente...

B.O. – Tendão patelar?

---

<sup>1</sup> Bairro de Porto Alegre.

<sup>2</sup> Aluísio Nogueira Bandeira de Melo, conhecido como Prof. Loanzi.

F.V. – É, o nome é Síndrome de Osssgod Schlatter, é quando o músculo se torna mais forte que o tendão e ele acaba sendo arrancando da inserção. Eu engessei (imobilizei) a perna, fiquei noventa dias engessado, uma nova parada. Voltei, ali pelos 15 anos mais ou menos, quando foi em definitivo e então não parei mais. O professor Justino Vianna foi embora para Minas Gerais, ele tinha uma família bem grande, os filhos faziam judô também e ficou o professor João Sousa. O professor João Sousa nem faixa preta era, ele era faixa marrom na época. Um belo dia foi visitar a academia o professor Bira<sup>3</sup> que era uma faixa preta já mais conceituado, que tinha saído da academia do professor Loanzi, essa lá do Centro que eu não tinha conseguido me matricular, que tinha iniciado suas aulas aqui no Grêmio Náutico Gaúcho e fiquei bem impressionado com a aula que esse professor deu, um nível de exigência bem elevado, nos colocou a fazer muito exercício e eu achei aquilo o máximo e acabei indo então para o Grêmio Náutico Gaúcho. E ali realmente eu me sobressai perante os demais, eu comecei uma carreira... Com 18 anos eu fui campeão juvenil gaúcho, campeão da cidade, como campeão juvenil já disputei o adulto e ganhei também. Fui considerado o atleta do ano com 18 anos e tive outro problema de joelho, menisco, fiquei parado por um tempo aos 19 anos, no ano de 1969. Concomitante a isso eu comecei a dar aulas na ACM<sup>4</sup> com 18 anos e continuava treinando, continuava praticando, inclusive é uma das características da minha vida esportiva, eu me tornei professor (instrutor na realidade) muito cedo, treinador, instrutor seja lá o que for da modalidade e continuei treinando de certa forma (autodidata). Depois que eu saí do Grêmio Náutico Gaúcho eu mesmo programava os meus treinos, quando com 20 anos entrei para a ESEF, fiz vestibular. Eu estudava num curso técnico da VARIG<sup>5</sup>, "aeronaves a jato" e quando falei para a família que eu ia abandonar esse curso para fazer educação física, foi uma guerra familiar, como é que eu ia largar a VARIG? Uma empresa de renome internacional, que as pessoas tinham um salário muito bom, e é verdade isso. Eu tinha feito uma seleção bem rigorosa para entrar lá, era um curso técnico muito reconhecido, tinham mais de seiscentos candidatos para trinta vagas, eu consegui entrar, não sei como, eu não era muito estudioso. Eu entrei e desses trinta se formaram treze alunos, todos já com vaga garantida e um futuro de certa forma muito bem encaminhado, porque essa formação era para engenheiro de bordo, era um curso técnico em aeronaves a jato que depois o técnico fazia cursos de atualização e acabava se tornando engenheiro de bordo, é uma formação que

---

<sup>3</sup> Bugre Ubirajara Marimom de Lucena.

<sup>4</sup> Associação Cristã dos Moços, tradicional associação americana.

nem existe mais, hoje praticamente é o computador que faz esta função. E eu larguei tudo isso, formado, eu abandonei, fiz o vestibular passei na UFRGS<sup>6</sup> e foi a decisão mais acertada da minha vida apesar da família achar que estava errado.

A.A. – Perfeito. Como era a situação do judô no Brasil nessa época?

F.V. – Lendo o livro do professor Alexandre<sup>7</sup>, revivendo as coisas, era uma fase muito inicial, uma fase primaria. Hoje eu vejo claramente que as técnicas não tinham nome, eram chamadas de primeira projeção, terceira imobilização, primeiro estrangulamento, coisas desse tipo. Hoje vemos que o conhecimento dos próprios professores, e o professor Alexandre analisa muito bem no seu livro, inclusive eu participei das entrevistas, não havia ainda a divisão entre judô e jiu-jitsu, ele exemplifica muito bem no livro. Porque o professor Jigoro Kano lá no Japão, quando criou o judô, na realidade fez uma mescla de uma série de diferentes atividades (modalidades de combate) que ele próprio praticava, e desenvolveu, juntando tudo isso apresentou o judô. Então o antigo jiu-jitsu do Japão acabou se encaminhando e se transformando todo ele no atual judô, praticamente o jiu-jitsu acabou no mundo, ele só persistiu aqui no Brasil, lá pelo norte do Brasil, no Pará onde morava essa família Gracie<sup>8</sup> que depois se mudou para o Rio de Janeiro. O jiu-jitsu persistiu através desse pessoal, no resto do mundo inteiro o jiu-jitsu morreu, inclusive no Japão, se transformou no judô. Então era muito primário, os professores sabiam pouco, eram na realidade instrutores assim com pouca bagagem... Cuidado com o que eu vou dizer, pouca bagagem intelectual eu diria, eram assim, pessoas da polícia, eram garçons, seguranças, alguns exemplos que estou me lembrando. O pessoal ensinava a lutar, ensinava a brigar, e o cara se sobressaia se fosse brigão mesmo, a técnica ensinada era muito pouca. Essa minha geração começou a estudar, foi a geração que entrou na faculdade, começamos a estudar, eu sou talvez um dos primeiros que começou na faculdade. Aqui na ESEF<sup>9</sup> nós tínhamos o professor Bugre Ubirajara Marimom Lucena, falecido a uns quatro ou cinco anos atrás, quando jovem foi morar e estudar no Rio de Janeiro, tinha formação em educação física na Escola do Exército e lá aprendeu judô, mas ele estava também de certa

---

<sup>5</sup> Viação Aérea Rio Grandense, companhia aérea gaúcha.

<sup>6</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>7</sup> Alexandre Velly Nunes.

<sup>8</sup> Família que consolidou o Brazilian Jiu-Jitsu no país, um ramo do Jiu-Jitsu a partir da técnica milenar.

forma afastado do judô, mas era nosso guru, nosso ícone na questão de preparação física e técnica. Eu quando entrei na ESEF fui o primeiro monitor (oficialmente remunerado da Faculdade) na disciplina de Judô durante vários anos.

A.A. – Tu citou a ACM e o Grêmio Náutico Gaúcho, você teve algum auxílio ou apoio de algum outro clube ou outra instituição?

F.V – Jamais! Não se pensava nisso, totalmente amador, tanto é que eu comecei a dar aulas muito cedo pela questão financeira, para ter um ganho. Quando vejo hoje esses meninos que ganham 30 mil reais, 40 mil reais por mês, isso é profissionalização total, são profissionais do judô. A SOGIPA<sup>10</sup> tem trazido atletas pagando salários estratosféricos. Jamais passou pela cabeça de qualquer um que lutou judô naquela época, receber salário dia. A gente ganhava as vezes do Governo do Estado uma passagem de ônibus para o Rio de Janeiro ou para São Paulo para disputar uma seletiva, para disputar um campeonato nacional, no máximo era isso. Jamais, em lugar nenhum se recebia pela prática, pelo contrário, se pagava para treinar.

A.A – Nessa época, tem algum momento, algum evento dessa parte da tua vida esportiva que tu destacaria?

F.V. – Eu destaco sim a minha luta final do Campeonato Brasileiro em 1971 em Salvador, na Bahia. Pela primeira vez, um gaúcho chegou em uma final de Campeonato Brasileiro da classe principal, na época era chamada de classe sênior, acho que hoje sênior é uma classe para mais velhos, não sei, não tenho certeza. Foi a primeira vez que um gaúcho disputou uma final e eu fui Vice-Campeão Brasileiro, até poderia ter vencido a luta, o meu adversário (Mauro Junqueira de São Paulo) machucou o ombro. Um fato interessante este; o pessoal da nossa delegação gritava desesperadamente para mim forçar no local da lesão, o que não fiz. Ele se lesionou no ombro, ele me deu um ataque e fiz um contra golpe (que havia treinado exaustivamente), ele caiu de ombro. Era meu adversário já tradicional, ele era de Brasília e depois veio embora para São Paulo. Foi um grande lutador, representou o Brasil durante muitos anos, o Maurinho. E machucado no ombro ele continuou, o médico

---

<sup>9</sup> Escola de Educação Física da UFRGS.

<sup>10</sup> Sociedade Ginástica de Porto Alegre.

disse que não poderia continuar, ele continuou lutando, eu acho que ele tinha uma pequena vantagem na minha frente e o pessoal da minha delegação gritava para eu bater no ombro dele, para segurar o *quimono*<sup>11</sup> e bater no ombro e eu não o fiz. Eu achei que não deveria fazer e não fiz, ao final eu sai e o pessoal reclamou muito: “Tinha que ter batido no ombro do cara!”. E eu acabei perdendo a luta. No outro dia o rapaz me procurou e foi agradecer pela minha atitude, pelo meu comportamento e eu não me arrependo até hoje, eu não senti vontade, achei que não deveria fazer. Eu continuei lutando com ele, eu continuei lutando duro, mas em nenhum momento eu tive a intenção de bater no lugar machucado, o que hoje seguramente o pessoal faria. Se demonstrar que tu te machucou num determinado lugar, é ali que o adversário vai bater para te vencer.

A.A. – Quais foram as principais dificuldades da sua carreira e se tu percebe alguma diferenciação da carreira dos atletas do sul em contra ponto com o resto do Brasil?

F.V. – Nessa época que eu me refiro, os anos 1970, 1980 nós estávamos atrás, tudo muito bem desenvolvido no livro do Alexandre<sup>12</sup>, ele fala muito nisso. Nós estávamos atrás, Rio de Janeiro e São Paulo em primeiro lugar e fica muito claro que pela imigração japonesa, naquela época os imigrantes japoneses, os filhos de japoneses, ou japoneses vindos do Japão para ensinar, estavam bem á frente no nível técnico, por todas aquelas razões que eu relatei anteriormente sobre a condição cultural/técnica dos nossos professores... E é interessante que a nível internacional acontecia a mesma coisa, o brasileiro sabia que contra japonês não tinha a menor chance, não havia possibilidade de vencer. Andou por aqui, agora a pouco o Aurélio Miguel<sup>13</sup>, nosso primeiro campeão olímpico, ele estava dando uma palestra no CETE<sup>14</sup>. Eu assistindo e lá pelas tantas ele disse assim: “o Professor Chico<sup>15</sup> que está aqui presente pode confirmar, na época dele ninguém ganhava de japonês”. E esse cara tem uma passagem no Japão que é fantástica, o Aurélio Miguel... Inclusive não contada por ele... Depois se eu perder o fio da meada tu me coloca no caminho.

---

<sup>11</sup> Vestimenta para a prática do judô.

<sup>12</sup> Livro do Alexandre Velly Nunes.

<sup>13</sup> Aurélio Miguel Fernandez, campeão olímpico e multi medalhista.

<sup>14</sup> Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

<sup>15</sup> Apelido de Francisco Vargas Neto.

A.A. – Com certeza.

F.V. – É interessante essa passagem, outro campeão olímpico que esteve aqui, nosso amigo Rogério Sampaio<sup>16</sup> relatou que eles estavam treinando no Japão em uma determinada época, e eu que fui para o Japão em 1975 fico abismado com o relato. Analisando essa história eu fico impressionado de ouvir, contaram que estavam treinando lá e o Aurélio passando o laço (batendo muito) na japonesada, eu não sei exatamente o local do treinamento, possivelmente não foi um local de ponta, talvez uma universidade. Mas lá qualquer lugar de judô é bom, para nós brasileiros é bom, talvez não fosse um local de ponta como a polícia, por exemplo, que tem excelentes judocas e tem caras grandes como o Aurélio ou uma universidade de ponta que tem treinos fortíssimos. Eu não sei o local, não me lembro do local, nem sei se ele falou, o Rogério Sampaio contando. Diz que lá pelas tantas o Aurélio está derrubando a japonesada toda, toca a sineta para trocar o adversário, não vem ninguém para treinar com o Aurélio. O Aurélio grita: “*Onegai shimasu*”. Que significa: “vamos treinar”. Não aparece ninguém e ele grita de novo, então ele sai em direção aos japoneses e começa a pegar os judocas a força para treinar gritando um monte de impropérios: “sua japonesada babaca”. Em português. E os caras fugindo dele e o Rogério Sampaio que era um cara de 60 e poucos quilos, apavorado com a perspectiva: “Pô! Esse maluco fazendo isso vai sobrar para mim, eu é que vou apanhar dos caras”. Dos maiores né? Então isso é para mostrar para vocês a defasagem técnica que existia no nosso período. Jamais passou pela nossa cabeça ganhar de um japonês. Agora tu treinar lá no Japão, lá dentro da casa deles, desacatar os caras e chamar para a briga e não aparecer ninguém é uma coisa fantástica. Então o nível técnico tinha uma defasagem muito grande nesse período. Pelo menos, na região sul aqui do país em relação a São Paulo, Rio de Janeiro. Lentamente a coisa começou a crescer com a nossa busca de desenvolvimento, eu me enquadro nisso também pela melhora e um maior nível técnico. Em 1975 eu fui o primeiro judoca a ir para o Japão, era para ficar um ano, fiquei oito meses. Na realidade é uma das coisas que eu não me perdoo até hoje, eu não resisti mais, eu não aguentei mais. Eu vim embora antes do tempo.

A.A – Tem alguma coisa específica que tu queira destacar dessa época de dificuldade?

F.V. – Eu fui por minha conta. A SOGIPA me ajudou na realidade um pouquinho. Uma tia minha que era funcionaria da VARIG me conseguiu a passagem de ida e volta. Eu fui para a academia do professor Isao Okano que se chamava Seiki Juku. Era o local aonde reunia os melhores judocas do mundo, na época, de fora do Japão. Então ali tinham franceses, ingleses, holandeses... Os caras ficavam na academia desse professor e saiam para treinar fora. Eram três treinos diários, treinava-se nos locais mais fortes, de maior qualidade. Eu acho que minha estada no Japão foi para o Rio Grande do Sul uma coisa muito importante. No meu retorno... Eu trouxe muitas novidades técnicas, eu comecei a aplicar aqui, modéstia a parte foi um salto qualitativo para todos nós.

B.O – Quais as dificuldades que você teve que o fizeram voltar antes?

F.V. – Um treino intensíssimo. Apesar de eu me considerar muito bem preparado fisicamente. Tem uma passagem interessante, a gente treinava a parte física pela manhã, as seis horas e um belo dia o professor Okano, que foi bicampeão mundial e bicampeão olímpico, apareceu em um treino, treino físico, em uma praça que havia perto do local da academia, perto da escola dele. Lá pelas tantas ele me viu e se aproximou, nós estávamos fazendo abdominais. Tu conheces a hierarquia do judô? Temos que obedecer sempre o mestre. “*Hai Sensei*”. Que quer dizer: “Sim senhor professor”. Fazendo os abdominais e ele: “Mais vinte”. Eu já havia terminado uma serie de cento e “picos”. E eu fiz os vinte e parei. O Sensei falou: “mais vinte!”. E eu fiz. E ali ele ficou comigo pedindo sempre mais, até que teve que parar, parou de me exigir porque eu não parava de fazer. Eu estava muito bem preparado fisicamente, mas tecnicamente a nossa defasagem era muito grande. Os treinos eram muito fortes, muito intensos, três vezes por dia, a gente treinava seis da manhã a parte física, descansava um pouco, tomava um café. Às dez horas saia para um treino, ou luta de chão ou técnica, e depois á tarde, das quatro horas até ás oito da noite pauleira (“randori” treini livre). Em locais como, universidades de ponta, na própria policia que tinha um treino muito forte. Então foi difícil, eu comecei a perder muito peso, eu voltei seco, só músculo, sessenta e poucos quilos. Mas eu acho que a bagagem veio bem carregada de conhecimento, de técnica, uma experiência de vida fabulosa em um pais estranho, sem falar o idioma. Existia no Japão aquela ideia, acho que existe até hoje de: “É estrangeiro, pau nesse cara, vamos bater nesse cara”. Então realmente foi o que aconteceu,

---

<sup>16</sup> Rogério Sampaio Cardoso.

até que não deu mais, a minha ideia era ficar um ano, eu fiquei oito meses. Falta da família também, saudade e dinheiro muito limitado, tudo isso fez com que eu voltasse mais cedo.

A.A. – Alguma visita na Kodokan<sup>17</sup>?

F.V. – Claro! Quando nós íamos na Kodokan era uma festa por que na Kodokan o treino, entre aspas, fraco, porque tem muito estrangeiro, muito aprendiz. Então quando eles diziam: “Hoje o treino é na Kodokan” era um alívio, na Kodokan eu iria derrubar gente e eu cair pouco. Algumas visitas na Kodokan.

A.A. – Como foi sua participação em eventos nacionais, tu citou um? E os internacionais?

F.V. – Internacionais na verdade a gente teve pouco acesso. Participamos aqui de algumas competições a nível sul americano; Uruguai, Argentina. E fui também o primeiro gaúcho a ir para um Mundial Universitário que foi no Rio de Janeiro em 1978, eu fui reserva da equipe que participou do Mundial Universitário, aonde nós tivemos um campeão mundial peso pesado, Osvaldo Cupertino Simões de apelido “boneca” foi campeão mundial peso pesado.

A.A. – Sobre o início da carreira, falando um pouco desse período, tem mais alguma coisa que tu queira destacar?

F.V. – Tu perguntou das dificuldades que eu enfrentei. Eu tive muitas lesões, lesões de joelho que foram várias...

A.A. – Ainda muito jovem?

F.V. – Muito jovem, com menos de dezoito anos. Eu acho que a gente tentava realizar um treino muito intenso. Existia aquela ideia de que quanto mais tu faz um exercício melhor. Um desses professores, eu não vou citar o nome, que foi o grande ídolo, que me convenceu a treinar muito, ele afirmou que tinha um exercício que era o que capacitava os grandes judocas, era o *Kata Guruma*, sabe qual é o *Kata Guruma*? Aquele que coloca o adversário

nos ombros e senta no calcanhar, flexionar as pernas e sentar no calcanhar. Bom, quanto mais pesado o colega que tu colocasse nas costas e maior o número de repetições que fizesse, mais cedo tu te tornaria um grande campeão. Realmente o cara me tornou um campeão, foi aquele ano que eu te falei de 1968, que eu ganhei tudo. Mas em seguida começaram a aparecer os resultados. A partir dali a minha vida foi relacionada a lesões de joelho, ligamento, menisco. Eu hoje observo com maior afastamento e com o maior conhecimento que temos de treinamento desportivo, de anatomia... Me trouxe problemas para as pernas, para o desenvolvimento muscular das pernas, eu nunca consegui ter pernas fortes porque quando eu começava a fortificar aparecia uma lesão. Em contra partida, nos braços quase nada, tórax quase nada... Pouco.

A.A. – Enquanto atleta tu atribui às lesões ter parado um pouco mais cedo ou não?

F.V. – Eu não parei muito cedo, eu parei com trinta e um anos. Mas de certa forma as lesões contribuíram para isso. Poderia ter continuado mais um pouco, mas na realidade minha parada não foi por lesão. A minha parada foi por total desgaste emocional, eu não aguentava mais treinar, eu treinei até o meu limite, até não poder mais. Então começa a enfrentar aqueles jovens que tu viu crescer, chega uma hora que tu fala: “Pô! Realmente não dá mais, tenho que parar”. Quando parei, a parte técnica dos treinos eu não realizava mais, fazia só a parte de luta (randoris). O que é uma característica do pessoal, vai começando a abandonar aquela parte técnica que é enfadonha, repetir um golpe milhares de vezes, tu vai abandonando o treinamento de repetição, continua fazendo a luta e chega uma hora que tu te dá conta que não dá mais para treinar, tu não quer mais te preparar. Pode até gostar de lutar como acontecia comigo, continuei treinando e lutando com o pessoal, mas sem aquele compromisso de continuar evoluindo, o cara não resiste a isso.

A.A. – Fale de sua trajetória no judô enquanto atleta, técnico, dirigente ou uma participação que tu já teve nessa área ou em outra área esportiva:

F.V. – Eu participei pouco de outra área esportiva, minha vida esteve dedicada ao Judô, eram vinte e quatro horas por dia em relação a isso. Como coloquei anteriormente, alguns títulos que eu obtive foram os primeiros do Rio Grande do Sul a nível nacional, fora esses,

---

<sup>17</sup> Instituto em Tóquio (Japão) criado por Jigoro Kano, destinado ao ensino do judô.

tive outros, tive títulos universitários, foi um dos primeiros no Rio Grande do Sul, não existia. E a minha carreira se caracterizou por eu ser meu próprio treinador, a partir dos vinte e poucos anos eu não tive mais treinador e eu fui o meu próprio treinador. Eu treinava e comandava o treino. Em 1970 eu creio, entrei para a SOGIPA, me tornei treinador da SOGIPA, ali eu consegui alcançar, com nossos atletas, um nível bem elevado, ganhamos a partir disso tudo o que havia para ganhar aqui no Rio Grande do Sul, com a SOGIPA, com as equipes. Desde os pequenininhos até os adultos, ganhávamos tudo o que podíamos ganhar, obtínhamos os melhores atletas de cada classe durante muitos anos, existiam classes de idade que a gente foi decacampeão e começamos um intercâmbio muito grande com o centro do país que eram os melhores, Rio de Janeiro e São Paulo. Começamos a participar de algumas competições importantes em São Paulo e com o Rio de Janeiro também, nós visitávamos a Gama Filho<sup>18</sup>, a Gama Filho veio para cá algumas vezes. Em São Paulo tinha um torneio muito forte que era o Beneméritos<sup>19</sup>, um torneio por equipes, a gente começou a participar. Interessante, quando eu sai, quando eu fui para a Espanha em 1990 as equipes juniores da SOGIPA que era de dezoito a vinte e um anos, começaram a ganhar essas competições, inclusive tivemos equipes, eu não era mais o treinador, mas eram atletas formados por mim, que começaram a ganhar essa competição, era uma competição fortíssima. Nós íamos muito também em um torneio patrocinado pelo Palmeiras<sup>20</sup>, que tinha e tem um excelente departamento de judô e a gente começou a participar. Visitávamos a Vila Sônia<sup>21</sup> que é do professor Shinohara, é o pai do atual treinador da seleção brasileira, que foi meu adversário, a idade dele é bem próxima da minha, Luiz Junite Shinohara, o pai dele é Massao Shinohara. Tinha a tradicional academia Vila Sônia em São Paulo, que formou Aurélio Miguel, formou Honorato<sup>22</sup>, os Omuras, ou seja, formou uma gama imensa de judocas brasileiros com medalhas internacionais, que conquistaram na realidade os primeiros títulos internacionais do Brasil.

A.A. – E como dirigente teve alguma participação?

---

<sup>18</sup> Universidade Gama Filho.

<sup>19</sup> Torneio Beneméritos do Judô brasileiro.

<sup>20</sup> Sociedade Esportiva Palmeiras.

<sup>21</sup> Associação de Judô Vila Sônia.

<sup>22</sup> Carlos Honorato.

F.V. – Não muito, eu fui diretor de árbitros. Eu não me adequava muito a esta parte. Realmente a política é o meu ponto fraco, eu não me adequiei muito. Eu fui treinador durante muitos anos de equipes estudantis, de equipes universitárias, da própria SOGIPA, de seleções gaúchas que iam a campeonatos nacionais, mas nunca me envolvi politicamente, eu acho que foi bom, nunca me envolvi muito politicamente nessas questões administrativas de Federação e coisas desse tipo.

A.A. – Como foi sua participação nos Jogos Olímpicos? Especialmente como foi integrar a comissão anti-doping nos Jogos de Barcelona?

F.V. – Nós fomos para cursar o doutorado em Barcelona eu e outros professores da ESEF a partir de um convite do doutor Eduardo Henrique de Rose, que me surpreendeu inclusive, chegou um belo dia e disse: “Vou te mandar para Espanha fazer doutorado”. Pensei: “Vou esperar sentado”. Um belo dia o hoje meu "padrinho" chega e diz assim: “Começa a preparar a tua papelada, está aqui a tua carta de aceite, o curso de vocês começa...”. Os primeiros dias de janeiro, corria o ano de 1989, nós fomos em janeiro de 1990 e dentro desse projeto fazia parte essa preparação da Olimpíada em Barcelona e realmente foi um tempo fantástico a nível acadêmico e esportivo. O que nós participamos lá, eu e esses outros colegas, Airton Negrine, Benno Becker, Élio Carravetta, Vicente Molina Neto, Mário Brauner. Foi um período fantástico a nível de cursos, eventos, congressos. Os melhores especialistas do mundo de cada modalidade em particular estiveram lá durante os anos 1990, 1991 e início de 1992 antes da Olimpíada. Isso fez parte desse projeto, projeto criado pelo De Rose, "meu padrinho De Rose". E dentro desse projeto, realizou-se em 1991 o Campeonato Mundial de Judô em Barcelona, onde um ex-aluno meu fez parte da seleção brasileira, Diogo Chamun, lutou lá e eu estava assistindo, torcendo por ele. E nesse projeto estava também a nossa participação na equipe médica no grupo de controle de doping, na anti-dopagem e participamos ativamente. Uma experiência fabulosa, estar ali dentro do local de competição, acompanhando os atletas e depois pegando os medalhistas e alguns outros por sorteio para conduzi-los para o anti-doping, foi uma experiência fantástica.

A.A. – Qual foi a forma que tu chegou nos Jogos?

F.V. – Através disso, através do nosso doutorado, na Espanha, em Barcelona. Doutorado este que por intermediação do De Rose, uma mente brilhante, que já vislumbrou a nossa participação nos Jogos Olímpicos. Participamos em todas as competições que antecederam, como testes aos Jogos Olímpicos, foram muitas, chegando até o Mundial.

B.O. – Tinha uma seleção ou o De Rose convidava?

F.V. – É, o De Rose fazia parte do grupo principal de dirigentes desses comitês olímpicos e ele tinha então a possibilidade de convidar algumas pessoas. E nós como acadêmicos de doutorados na área do esporte, tivemos esse acesso facilitado através dele. Ele foi o pai de toda a idéia, foi o cara que conseguiu tudo.

A.A. – Tem mais alguma coisa que tu acha importante compartilhar referente aos Jogos?

F.V. – É um momento que traz tanto conhecimento, aquela convivência próximo dos atletas. Nós tínhamos praticamente livre acesso a todas as instalações e para quem gosta de esporte, para quem pratica uma determinada modalidade esportiva, tu estar junto de nomes famosos que fizeram parte do teu imaginário. Por exemplo, Anton Geesink, que foi o primeiro sujeito a ganhar dos japoneses lá na década de 1950, dentro do Japão, um holandês, um sujeito grandão, peso pesado. Depois ele se tornou membro da direção da Federação Internacional de Judô. Estivemos com ele, conversamos com ele, dissemos que éramos brasileiros. Então coisas desse tipo e estar muito próximo de ver os judocas competindo, e tivemos lá a medalha do Rogério Sampaio de ouro, foi uma coisa fantástica, a gente vibrou demais.

B.O. – Vocês conviveram junto com os atletas nesse período? Dentro da Vila Olímpica também?

F.V. – Nesse período sim, frequentávamos a vila. Na realidade foi muita gente aqui de Porto Alegre, professor Alexandre Velly Nunes, professor Maduro<sup>23</sup> e o Lúcio Lajes. E a convivência, aproveitamos aqueles dias vinte e quatro horas por dia, estávamos envolvidos com essas coisas todas. Então acho que foi o grande legado para nós que estivemos nesse

período, essa convivência, esse aprendizado todo. Eu tive a oportunidade maior do que os outros de conviver durante os anos que antecederam. Eu vi transformações da cidade, acompanhei, como falei para vocês, todos esses eventos acadêmicos que traziam grandes nomes. Nós nos inscrevemos em uma escola de treinadores eu e o Mário Brauner<sup>24</sup> e a gente participava de todos os eventos, em diferentes áreas, treinamento desportivo, psicologia do esporte, fisiologia do exercício, biomecânica, isso era semanal, sempre tinha um grande nome falando sobre alguma coisa importante de Educação Física ou Esporte participamos de tudo, foi um aprendizado, um período brilhante na minha percepção, para minha carreira sem dúvida nenhuma.

A.A. – Você treinou algum atleta que foi para alguma edição dos Jogos?

F.V. – Dos Jogos Olímpicos?

A.A. – Isto.

F.V. – (pausa) Não. Não treinei, mas alunos meus sim. Hoje em dia treinam atletas que participaram dos Jogos, inclusive são medalhistas. Houve uma competição agora a pouco, faz alguns anos da Federação Gaúcha de Judô e no final do ano apresentou os cinco clubes classificados. Dos cinco clubes classificados, quatro treinadores tinham sido meus alunos. Só um não era meu aluno, isto é, ex-aluno.

A.A. – Fazendo um apanhado de tudo que tu já contou para a gente, participação em eventos, como eles repercutiram em sua carreira? Independente como atleta, como técnico.

F.V. – Sem dúvida nenhuma eu tenho reconhecimento nos lugares que eu vou, essas coisas constam em meu currículo e logicamente ampliam o meu currículo. Em períodos que eu fui bastante convidado a dar palestras, a dar cursos, tudo isso fez um amálgama de conhecimentos que me levaram a um status de autoridade nesse tema. Eu não quero ser considerado depois orgulhoso, prepotente, arrogante, não é nada disso. Estou contando para vocês como eu vejo. Então através do meu currículo, através de todas essas

---

<sup>23</sup> Luiz Alcides Ramires Maduro.

<sup>24</sup> Mário Roberto Generosi Brauner.

informações que estão contidas ali e logicamente informações oficializadas por documentos e coisas desse tipo como deve ser, eu tenho, de certa forma um reconhecimento razoável da minha carreira como professor de judô, como treinador de judô e como professor universitário, com o título de doutor na área.

A.A. – Certo. Falando um pouco de campeonatos. Como era o processo seletivo para participar dos campeonatos a nível nacional?

B.O. – Tanto nacional quanto internacional.

F.V. – Regional... Aqui nós fazíamos uma seletiva. Em alguns momentos eram os resultados das competições a nível estadual, em outros momentos com seletivas específicas para participar da competição. E no Brasil acontecia a mesma coisa, existiam seletivas específicas para determinadas competições, campeonatos mundiais, Jogos Olímpicos, Jogos Pan Americanos...

B.O. – Quem ganhava essas competições que se credenciava...

F.V. – Para ir para as competições internacionais. Então participamos muito. Eu participei de muitas delas, para seletivas de mundial, para seletiva de Pan Americanos. Inclusive de Olimpíada teve seleções nesse período. Mas é aquilo que eu te disse antes, e eu volto a dizer, nosso nível realmente estava um pouco abaixo dos do centro do país, na época não se conseguia essa classificação. Nós perdíamos principalmente para os paulistas, depois em segundo lugar Rio de Janeiro e depois embolava por terceiro lugar Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais. E hoje a gente pode ver que isso não existe mais, está distribuído, hoje está cheio de gente de outros estados. O Rio Grande do Sul garante vaga nessas seletivas, Minas Gerais entra, Rio de Janeiro continua forte. Hoje tem uma menina que é da Paraíba, a Sarah Menezes. Já houveram outras meninas de Pernambuco, então realmente a coisa se diversificou, se espalhou pelo Brasil. São Paulo continua o grande centro, o centro mais forte, milhares e milhares de atletas treinando e se preparando, nível técnico dos professores bem elevado. Mas realmente outras cidades, outros Estados estão também se credenciando para isso e elevaram seu nível bastante dentre os quais Porto Alegre, SOGIPA, no Rio Grande do Sul.

B.O. – Você percebe se há alguma modificação nessas seletivas do período que você participou enquanto atleta e treinador para a atualidade?

F.V. – Hoje, por exemplo, a Confederação Brasileira de Judô faz várias seletivas. Então existe um ranking, os atletas são ranqueados. E o sujeito tem que realmente demonstrar que ele é o número um não em uma competição. Pode acontecer... Pode dar uma zebra, pode dar um equívoco, o cara lá dá sorte, é difícil mais acerta uma técnica e acaba se classificando. Agora quando são várias, na minha perspectiva, aquele que é o melhor realmente acaba se sobressaindo. Então através desse ranking, inclusive um ranking de disputas no exterior, acaba levando na realidade o melhor atleta de cada categoria, nisso avançou bastante. Existem equipes permanentes treinando na Confederação Brasileira de Judô que viajam e competem no exterior, na minha época isso era absolutamente inviável, era um sonho. E ainda mais abrindo a oportunidade para outros, hoje deve ter uma meia dúzia de equipes de cada classe na Confederação Brasileira de Judô, sendo que o quinto ou sexto viajam para a Europa e competem, e fazem treinamento de campo em competições internacionais. Eu creio que fui o segundo do Brasil durante alguns anos e não tive essa oportunidade, era o número um que viajava, eu nunca consegui ser o número um. Hoje o sexto viaja e conhece o mundo inteirinho e compete. O número de competições dobrou, hoje existem as Olimpíadas, os Mundiais e depois vem uma série de competições internacionais que dão a possibilidade de formar esse ranking dos atletas.

A.A. – Professor Francisco qual o significado das suas participações na modalidade para o Judô do Rio Grande do Sul?

F.V. – Acho que eu já falei isso anteriormente. Abrimos algumas portas, avançamos a nível de conhecimento em relação aos nossos professores anteriores. Tínhamos na época uma dedicação muito intensa, iam treinar em São Paulo, Rio de Janeiro. Fui o primeiro a ir para o Japão, trouxe de lá os conhecimentos do grande centro, de onde tudo foi criado. A gente brinca até, hoje em dia, dizendo que o cara que luta judô e não foi para o Japão está na metade do caminho, tem muito por aprender. Então eu acho que a gente conseguiu, abrir algumas portas. Eu estava comentando agora sobre a SOGIPA, que eu era diretor do curso de Educação Física e acabei saindo, faz pouco tempo. Eu sou laureado pelo Clube, eu sou

o primeiro laureado do judô da SOGIPA. Agora já tem mais alguns, esses meninos mais novos, mas eu fui o primeiro, então é uma outra porta que se abriu. O laureal é um reconhecimento do clube aquelas pessoas que fizeram coisas importantes para seu desenvolvimento. Eu acho que é isso.

A.A. – Agora trazendo um pouco mais para a atualidade. Como tu enxerga as modificações das regras desta modalidade nos últimos anos? Como regras de arbitragem, as próprias regras, analise anti-doping esse tipo de coisa?

F.V. – Pois é. A gente vai dizer que é saudosismo, sempre as pessoas mais velhas dizem: “Ah! Por que no meu tempo...”. Chamamos isso de saudosismo, mas eu acho que fugimos um pouco daquela ideia, um pouco não, muito, da ideia do criador do judô. O criador do judô nem pensava em esportivização dessa prática, aquilo era uma atividade física e mental que faria o sujeito evoluir a partir da prática diária, com os erros e acertos, caindo e levantando. Seria um caminho de vida, como o próprio significado do judô. E então tinha o *ippon* que é a pontuação máxima do judô, que acaba a luta. E uma pontuação mediana que era o *wazari*, o meio ponto que tu precisaria completar dois. Depois se acrescentou as pontuações, *koka* e o *yuko* que talvez até os melhores árbitros tenham dificuldade de explicar como é que se diferenciavam e que trouxeram muitos problemas nas competições. Porque funcionava com um arbitro central e dois laterais, um marcava uma coisa o outro marcava outra coisa e o terceiro marcava outra. Como é que pode isso? Como é que pode numa mesma queda? Cada um marca uma coisa diferente. Hoje já se retirou o *koka*, então as modificações vem acontecendo, já é um avanço a retirada do *koka*. Então tem o *yuko*, o *wazari* e o *ippon*. E hoje tem uma câmera ainda filmando, saíram os dois juizes laterais, eles ficam sentados numa mesa analisando a projeção. Então a modernidade entrou de vez, inclusive no judô, aonde o sujeito analisa as imagens após o movimento. O que de certa forma pode corrigir alguns erros da vista humana, do próprio posicionamento, da interpretação de alguma coisa ou outra. Mas de qualquer forma eu acho que manchou um pouco a ideia do criador do judô, mas talvez seja o avanço tecnológico, a interferência das exigências impostas pela mídia. Hoje tu assiste uma competição de judô e ela precisa de alguns intervalos. Uma coisa que aconteceu no basquete muito claramente, o basquete se modificou bastante pela exigência da mídia, da televisão. Isso vai acabar acontecendo com o futebol também, em breve. O futebol é muito resistente às mudanças. Mas então o judô

mudou bastante. Uma coisa que eu já não estava mais e que aconteceu e que eu não aprovo foi a mudança do *quimono* de outra cor. O japonês não aprova também, japonês entende que o *quimono* do judô tem que ser branco e hoje se colocou *quimono* azul. Para quem assiste a competição na televisão ou até mesmo in loco, os *quimonos* diferenciados facilitam a tua visibilidade de quem derrubou, de quem fez o que e como fez, mas por outro lado houve uma perda cultural significativa. O sujeito que criou essas modificações, possivelmente tinha uma ideia específica para colocar em prática. Talvez facilitar as coisas para a mídia.

A.A. – Tem alguma coisa que a gente não perguntou e que gostaria de deixar registrado?

F.V. – Talvez que durante esse período comentado, que foi dos 10 aos 30 anos de prática, foi um tempo muito intenso que fez parte da nossa vida de maneira completa. O pensamento era focado naquilo que estava ali. Talvez um pouco de saudosismo, quando a gente vê essa gurizada profissional treinando, eles acham que ninguém treinou antes como eles treinam, treinou sim. Eu talvez tenha sido o introdutor da parte de preparação física fora do *tatame*<sup>25</sup>, não existia isso. Eu fui o primeiro sujeito a fazer isso na ESEF já com o professor Bugre Ubirajara Marimom Lucena, nós fizemos uma preparação física específica para algumas competições. E a coisa realmente deu certo, então trabalhamos com atividades aeróbicas, anaeróbicas, atividades de desenvolvimento da força, específicas para algumas técnicas do judô, ninguém fazia isso. Então isso nos distanciou bastante dos outros competidores, a nível técnico, a nível de resultados de competição. Acho que essas pequenas coisas somadas vieram a nos colocar em um patamar que de certa forma existe um reconhecimento explícito. Agora no domingo passado, eu fui numa competição em que dois ex-alunos passaram para sexto *Dan*<sup>26</sup>, e nessa comissão dos mais graduados tem mais dois que foram meus alunos. Houve de certa forma um reconhecimento à minha presença e isso é bom, isso faz bem para a gente, alimenta um pouco o ego. Acho que é isso.

B.O. – Gostaria muito de agradecer pela disponibilidade, no dia do aniversário estar aqui cedendo entrevista para a gente.

---

<sup>25</sup> Local para a prática do judô, com piso específico.

---

<sup>26</sup> Graduação do judô.